

Prólogo

Ociosos leitores: sem que eu jure, poderás acreditar que eu gostaria que este livro, como filho da inteligência, fosse o mais formoso, o mais airoso e mais sensato que se possa imaginar. Mas não pude contrariar a ordem da natureza; que nela cada coisa engendra uma sua semelhante. E assim — que poderia engendrar o meu estéril e mal cultivado engenho senão a história de um filho seco, encarquilhado, caprichoso e cheio de pensamentos inconstantes e nunca imaginados por outrem, como quem foi engendrado numa prisão¹ onde todos os tormentos encontram o seu lugar e onde todo o triste ruído faz a sua habitação? O sossego, o lugar aprazível, a amenidade dos campos, a serenidade dos céus, o murmurar das fontes, a quietude do espírito oferecem ocasião para que as musas mais estéreis se mostrem fecundas e ofereçam ao mundo partos que o cumulem de assombro e de contentamento. Acontece um pai ter um filho feio e sem nenhuma graça, e o amor que lhe tem põe-lhe uma venda nos olhos para que não veja os seus defeitos, antes os considere dons do espírito e maravilhas, contando-os aos seus amigos como subtilezas e ditos graciosos. Mas eu, que, embora pareça pai, sou padrasto² de D. Quixote, não quero deixar-me levar pela corrente do hábito, nem suplicar-te quase com lágrimas nos olhos, como outros fazem, leitor caríssimo, que perdoes ou escondas os defeitos que neste meu filho vires, pois não és seu parente nem seu amigo, e tens a tua alma no

¹ Alguns têm visto nesta passagem uma referência à prisão que Cervantes sofreu em Castro del Río, em 1592, ou em Sevilha, em 1597. Outros têm considerado esta prisão um símbolo da sua vida difícil e «presa» por circunstâncias que estiveram para lá da sua capacidade de superá-las.

² Alusão provável ao facto de Cervantes no Capítulo IX da Primeira Parte do *Quixote* escrever que em Toledo comprou um manuscrito de Cide Hamete Benengeli com a *Historia de don Quijote de la Mancha*, que mandou traduzir. A Segunda Parte do *Quijote*, de 1615, começa: *Conta Cide Hamete Benengeli na segunda parte desta história e terceira saída de D. Quixote [...]*. Nos capítulos II e III da Segunda Parte há também afirmações sobre a autoria do *Quixote* ser deste escritor árabe.

. . . MIGUEL DE CERVANTES . . .

teu corpo e o teu livre-arbítrio, como o homem que pode ser exemplo, e estás em tua casa, onde és senhor dela, como o rei dos impostos que lhe pagam, e sabes o que geralmente se diz, que debaixo do seu manto o rei mato³. Tudo isto te isenta e torna livre de todo o respeito e obrigação, e assim, podes dizer da história tudo o que te parecer, sem receio de que te caluniem pelo mal nem premeiem pelo bem que dela disseres.

Somente quisera eu dar-ta pura e nua, sem o ornato de um prólogo, nem da imensa quantidade e variedade dos costumados sonetos, epigramas e elogios que se costuma pôr no início dos livros. Porque te sei dizer que, embora me tenha custado algum trabalho compô-la, nenhum foi maior para mim que fazer este prefácio que vais lendo. Muitas vezes peguei na pena para escrevê-lo, e muitas vezes a larguei, por não saber o que escreveria; e estando uma dessas vezes suspenso, com o papel na minha frente, a pena na orelha, o cotovelo na secretária, a mão na face, a pensar no que iria dizer, entrou inesperadamente um amigo meu, engraçado e culto, que, ao ver-me tão pensativo, perguntou-me a causa, e, não lha encobrimdo, eu disse-lhe que estava a pensar no prólogo que tinha de fazer para a história de D. Quixote, e que me pusera de maneira que nem queria fazê-lo, e menos ainda trazer a lume sem ele as façanhas de tão nobre cavaleiro.

— Porque — como quereis vós que não me perturbe o que dirá o antigo legislador a que chamam vulgo quando ele vir que, ao cabo de tantos anos de eu estar como a dormir no silêncio do esquecimento, saio agora, com todos os meus anos às costas⁴, com um livro seco como esparto, isento de imaginação, mísero de estilo, pobre de conceitos e falto de toda a erudição e doutrina, sem explicações nas margens e sem anotações no fim do livro, como vejo que estão outros livros, ainda que de ficção e profanos tão cheios de máximas de Aristóteles, de Platão e de toda a caterva de filósofos, que causam a admiração dos leitores e dão aos seus autores fama de homens lidos, eruditos e eloquentes? E quando eles citam a Divina Escritura! Não se dirá senão que são uns Santos Tomás e outros doutores da Igreja; guardando nisto um equilíbrio tão habilitado, que numa linha pintaram um enamorado sem vergonha e na outra fazem um sermãozeco cristão, que é uma alegria e um regalo ouvi-lo ou lê-lo. De tudo isto há-de carecer o meu livro, porque nem tenho nada para comentar na margem, nem que anotar no fim, e menos sei que autores sigo nele, para indicá-los ao princípio, como fazem todos, por ordem alfabética, começando em Aristóteles e acabando em Xenofonte e em Zoilo ou Zeuxis, embora um te-

³ É um provérbio, recolhido por Gonzalo Correias, com variantes. Significa que na sua mente cada um pode pensar o que quiser.

⁴ Quando saiu o *Quixote*, em 1605, Cervantes tinha 58 anos e desde 1585, em que se publicou *La Galatea*, que não publicava um livro.

. . . D. Quixote de la Mancha . . .

nha sido maldizente e pintor o outro⁵. Também há-de carecer o meu livro de sonetos ao princípio, pelo menos de sonetos cujos autores sejam duques, marqueses, condes, bispos, damas ou poetas celebérrimos⁶; embora, se eu os pedisse a dois ou três artesãos amigos, sei que mos dariam, e tais que não os igualariam os daqueles que têm mais nome na nossa Espanha. Enfim, senhor e meu amigo — prossegui —, decido que o senhor D. Quixote fique sepultado nos seus arquivos na Mancha, até que o céu conceda quem o adorne de todas as coisas que lhe faltam; porque me acho incapaz de suprir essas faltas, pela minha insuficiência e poucas letras, e porque, por minha natureza, sou mole e preguiçoso para andar em busca de autores que digam o que sei dizer sem eles. Daqui nasce a dúvida e ensimesmamento, amigo, em que me achastes; causa bastante para pôr-me naquela a que de mim ouvistes.

Ao ouvir isto o meu amigo, dando uma palmada na testa e começando a gargalhar, disse-me:

— Por Deus, irmão, que agora acabo de desenganar-me de um engano em que estive durante o muito tempo em que vos conheço, no qual sempre vos considerei sensato e prudente em todas as vossas acções. Mas agora vejo que estais tão longe de sê-lo como o céu está da terra. Como é possível que coisas de tão pouca importância e tão fáceis de ter remédio possam ter poder para suspender e arrebatar uma inteligência tão madura como a vossa, e tão habituado a quebrar e superar outras dificuldades maiores? Sem dúvida, isto não nasce de falta de habilidade, mas de sobra de inacção e escassez de reflexão. Quereis ver se é verdade o que digo? Pois estai atento e vereis como num abrir e fechar de olhos faço desaparecer todas as vossas dificuldades e dou remédio a todas as faltas que dizeis que vos detêm e vos acobardam para deixar de lançar à luz do mundo a história do vosso D. Quixote, tão digno de fama, luz e espelho de toda a cavalaria andante.

— Dizei — repliquei-lhe eu, ao ouvir o que me dizia —: de que modo pensais encher o vazio do meu temor e transformar em claridade o caos da minha confusão?

A isto ele disse:

— A primeira coisa a que dais atenção, os sonetos, epigramas ou elogios que vos faltam para o princípio do vosso livro, e que sejam de pessoas sérias e com título, pode-se remediar desde que vós próprios vos deis ao trabalho de fazê-los, e depois possais baptizá-los e dar-lhes os autores que quiserdes,

⁵ *La Arcadia* (1598), *El Isidro* (1599) e *El peregrino en su patria* (1604) incluem um glossário de nomes poéticos e históricos aí mencionados, pelo que este remoque é dirigido ao seu autor, Lope de Vega.

⁶ Era uma prática habitual na época, que Cervantes também seguiu em *La Galatea*; Lope de Vega usou-a nos livros citados na nota 5 anterior e em *La hermosura de Angélica* (1602).

dando-os como filhos do Preste João das Índias ou do Imperador de Trapison-da⁷, de quem sei se tem notícia que foram famosos poetas; e se não o foram e houver alguns professores de meninos e bacharéis que trocem de vós na vossa ausência e falem mal desta verdade, não vos importeis um chavo; porque ainda que procurem saber a verdade, não hão-de cortar-vos a mão com que o escrevestes. Quanto a fazer citações nas margens dos livros e autores donde extrairdes as máximas e ditos que puserdes na vossa história, não há outra coisa senão fazer de maneira que venham a propósito algumas máximas ou ditos em latim que saibais de cor, ou, pelo menos, que vos custem pouco trabalho a procurar; como será pôr, ao tratar-se de liberdade e cativoiro:

*Non bene pro toto libertas venditur auro*⁸.

E depois, na margem, citar Horácio, ou quem o disse. Se tratardes do poder da morte, acudir logo com

*Pallida mors aequo pulsat pede pauperum tabernas,
Regumque turres*⁹.

Se da amizade e amor que Deus manda que se tenha ao inimigo, entrai em seguida na Sagrada Escritura, que o podeis fazer com um pouquinho de cuidado, e dizer as palavras, nada menos que do próprio Deus: *Ego autem dico vobis: diligite inimicos vestros*¹⁰. Se tratardes de maus pensamentos, valei-vos do Evangelho: *De acorde exeunt cogitationes malae*¹¹. Se da inconstância dos amigos, aí está Catão, que vos dará o seu dístico:

*Donec eris felix, multos numerabis amicos,
Tempora si fuerint nubila, solus eris*¹².

⁷ Duas personagens lendárias na época de Cervantes: o *Preste João* era um mítico rei cristão e sacerdote, mencionado no século XII, também citado nos poemas de Francisco Quevedo; no século XIV o seu reino foi identificado com a Abissínia; o rei português D. João II quis saber de quem se tratava, para saber mais sobre o caminho para a Índia, e em 1487 enviou Pêro da Covilhã ao Oriente. *Trapisonda* era a designação corrente de Trebisonda, porto turco do mar Negro.

⁸ Tradução: «Não há ouro suficiente para pagar a liberdade.» É um verso da versão de Walther Anglicus de uma fábula de Esopo, não de Horácio.

⁹ São versos de Horácio (*Odes*, Livro I, IV) cuja tradução é: «A pálida morte fere com um golpe igual / as cabanas dos pobres e os palácios dos reis.»

¹⁰ «Digo-vos que ameis os vossos inimigos» (Mateus, 5, 44).

¹¹ «Do coração saem os maus pensamentos» (Mateus, 15, 19).

¹² «Enquanto fores feliz, terás muitos amigos, / Mas se os tempos forem nebulosos, estarás só.» São versos de Ovídio, não de Catão. Estes e outros lapsos de Cervantes podem ser propositados, para troçar da erudição alardeada por alguns escritores da sua época.

. . . D. Quixote de la Mancha . . .

E com estes latinórios e outros tais ter-vos-ão pelo menos como gramático; que sê-lo não é pouca honra e proveito hoje em dia. No que toca a pôr anotações no fim do livro, com certeza podeis fazê-lo desta maneira: se disserdes o nome de algum gigante no vosso livro, fazei que seja o gigante Golias, e só com isto, que vos custará muito pouco, tendes uma grande nota, pois podeis pôr: *O gigante Golias, ou Goliath, foi um filisteu a quem o pastor David matou com uma grande pedrada, no vale de Terebinto*¹³, conforme se conta no Livro dos Reis, no capítulo em que virdes que está escrito. Depois disto, para vos mostrardes um homem erudito em letras humanas e cosmógrafo, fazei de modo que na vossa história se cite o rio Tejo, e ver-vos-ei logo com outra excelente nota, pondo: *O rio Tejo foi assim chamado por um rei das Espanhas; tem o seu nascimento em tal lugar e morre no mar Oceano, beijando as muralhas da famosa cidade de Lisboa, e consta que tem as areias de ouro, etc*¹⁴. Se tratardes de ladrões, dir-vos-ei a história de Caco¹⁵, que sei de cor; se de rameiras, aí está o bispo de Mondonhedo¹⁶, que vos emprestará Lamia, Laida e Flora, cuja nota vos dará grande prestígio; se de mulheres cruéis, Ovídio entregar-vos-á Medeia; se de magos e feiticeiras, Homero tem Calipso e Virgílio tem Circe; se de capitães corajosos, o próprio Júlio César contribuirá ele mesmo com os seus *Comentários* e Plutarco dar-vos-á mil Alexandres. Se tratardes de amores, com duas onças que saibais de italiano, tropeçareis em Leão Hebreu, que vos enche as medidas. E se não quereis andar por terras estranhas, em vossa casa tendes Fonseca, *Del amor de Dios*¹⁷, onde se cifra tudo o que vós e o mais engenhoso vier a desejar em tal matéria. Em resumo, nada mais é preciso senão que procureis citar estes nomes, ou tratar destas histórias na vossa, que aqui eu disse, e deixai-me o trabalho de pôr as notas e comentários; que eu vos juro preencher-vos as margens e gastar quatro cadernos no fim do livro. Tratemos agora da citação dos autores que os outros livros têm e no vosso faltam. O remédio que isto tem é muito fácil, porque não deveis fazer outra coisa senão buscar um livro que os anote todos, de A a Z, como dizeis. Pois esse mesmo abecedário poreis no vosso livro; que, embora claramente se veja a mentira, pela pouca necessidade que vós tíndes de vos aproveitardes deles, não importa nada; e talvez haja alguém tão ingénua que suponha que de todos vos aproveitastes na vossa ingénua e singela

¹³ Na *Vulgata* o Primeiro e o Segundo Livros dos Reis equivalem aos Primeiro e Segundo Livros de Samuel. Estas palavras são um resumo dos versículos 20 a 54 do Capítulo 17 do Primeiro Livro de Samuel.

¹⁴ Outro ataque a Lope de Vega: estas palavras assemelham-se a outras de Lope de Vega em *Larcadia* (1598).

¹⁵ Caco, filho de Vulcano, roubou os bois a Hércules (*Eneida*, VIII).

¹⁶ Frei Antonio de Guevara, bispo de Mondonhedo (1480–1545).

¹⁷ Refere-se ao *Tratado del amor de Dios* de Frei Cristóbal de Fonseca (Salamanca, 1592).